

Drags brasileiras dando close no Youtube: um percurso exploratório sobre o empírico¹²

Douglas Ostruca³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Esse trabalho compõe uma investigação sobre os corpos digitais drag no Youtube, tendo como foco a produção de sentido nas performances e práticas de montagem. Nesta oportunidade relato parte da pesquisa exploratória do empírico, buscando evidenciar diferentes angulações do objeto e encontrar pistas para a construção da amostra. Nesse sentido, são pontuadas as temáticas recorrentes e alguns formatos de vídeos, buscando situá-los a partir de suas diferenças.

PALAVRAS-CHAVE: Drags brasileiras; Youtube; Performance; Micropolíticas

INTRODUÇÃO

Desde o lançamento da plataforma Youtube em 2005, outras dinâmicas de produção e circulação de audiovisuais vêm sendo construídas. De acordo com Jean Burgess e Joshua Green (2009) é notável as dinâmicas de cultura participativa em que o site em questão se insere. Nesse sentido, os autores pontuam que o Youtube oferece a possibilidade de ampla exposição para os usuários interessados em construir seus próprios espaços de fala, seja para compartilhar vivências pessoais, como é o caso dos vlogs, e/ou para falar sobre outros assuntos específicos.

Entre os agentes envolvidos nessa apropriação do Youtube estão as drags brasileiras, as quais antes dessa tomada de espaço circulavam pelo teatro, cinema, televisão e casas noturnas (BRAGANÇA, 2018). Sendo assim, com o intuito de refletir sobre essas ocupações da plataforma em questão por drags brasileiras, desenvolvo uma pesquisa de dissertação, a qual tem como foco a produção de sentido dos corpos agenciados nessas experiências. A partir disso, nesse artigo serão apresentados

¹ Trabalho apresentado na DT 4 – Comunicação Audiovisual do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Esta pesquisa é produzida com o apoio da CAPES.

³ Mestranda em Comunicação e Informação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Integrante do núcleo de pesquisa Corporalidades, vinculado ao Grupo de pesquisa em Semiótica e Culturas da Comunicação – GPESC. E-mail: douglas.ostruca@hotmail.com

parcialmente alguns elementos que compõem o movimento de pesquisa exploratória sobre o campo.

Para a pesquisadora Jiani Bonin (2008) a pesquisa exploratória é um dos movimentos necessários para a produção de uma pesquisa, o qual é articulado a outros processos como a pesquisa da pesquisa, a pesquisa teórica, a pesquisa metodológica e a pesquisa de contextualização. Como já pontuado, nessa oportunidade será dada ênfase para as aproximações do concreto empírico, tendo como objetivo produzir diferentes angulações do fenômeno estudado. Com base nas questões que emergirem dessa prática de rastreamento do campo, acredito que poderei reformular e/ou complexificar o problema de pesquisa e, além disso, definir os critérios de seleção da amostra segundo as necessidades específicas desse caso.

Ainda que o foco desse artigo não seja a pesquisa teórica, acredito ser relevante delinear algumas autoras que tomo como partida para os desdobramentos que serão realizados na dissertação. De modo geral, para tratar dos corpos na comunicação conto com as considerações de Lucia Santaella (2004), em específico tenho intenção de refletir sobre o conceito de corpo eletrônico desenvolvido por Nísia Martins do Rosário (2009) para falar de um possível corpo digital drag. Além disso, para evitar a dicotomia entre não digital/digital recorro à Paul-Beatriz Preciado (2018) para pensar os corpos como artefatos culturais, políticos e tecnológicos atravessados por fluxos biomoleculares e semiótico-técnicos, onde os audiovisuais também estão agenciados. Portanto, ainda que o estudo tenha como foco vídeos publicados no Youtube, entendo que eles são atravessados pelas linhas de força nas quais as drags estão implicadas, e, com isso, também são componentes desses corpos e precisam ser observados em suas especificidades. Em relação a isso, busco em Suely Rolnik (2018) a noção de performatização existencial para sustentar um viés micropolítico de observação, onde a noção de performatividade (BULTER, 2015), poderá ser integrada como um dos operadores específicos.

O RASTREIO DO CAMPO

Como observado por Bibiana Guaraldi (2016), há uma diversificação dos conteúdos produzidos por drags brasileiras no Youtube, os quais além de tutorias de maquiagem propõem outras temáticas como “culinária, veganismo, comportamento, diversidade, questões de gênero, cultura pop e games”. Entre os canais citados pela

jornalista estão o Para Tudo apresentado por Lorelay Fox, Drag Geek da Amanda Sparks e Tempero Drag conduzido por Rita Von Hunty. Além desses, no decorrer do meu percurso exploratório também passei por canais como *Drag-se*, *Academia de Drags*, *Espuma com Montilla*, *Drags parodiando*, *Pablo Vittar*, *Gloria Groove*, *Lia Clark*, entre outros. Considerando a ampla gama de materiais e discursos procurei manter uma atitude de abertura ao navegar por entre os vídeos, sendo que até o momento foram assistidos cento e quatorze.

Ao realizar uma busca no Youtube com a palavra-chave “drags brasileiras”, entre os resultados aparecem algumas *playlists*⁴ de vídeos, como, por exemplo, “Pop drag Brasil e “As melhores drags brasileiras e gênero GLBT”, o que demonstra certo destaque do cenário musical drag. Entretanto, como, em princípio, o interesse é por vídeos específicos, aplico à busca a combinação dos filtros “vídeos” e “contagem de visualizações” (os resultados são ordenados em ordem decrescente). Com isso, entre os resultados aparecem *Top 10: drags cantoras com Lorelay Fox e 17 músicas de drags brasileiras que podem ser seu novo vício*. Sendo assim, mesmo com os filtros, as drags brasileiras cantoras parecem continuar em evidência através de vídeos que fazem indicações musicais. Além disso, noto que dos dez⁵ primeiros vídeos três deles são atravessados pelo *reality show RuPauls Drag Race*, seja por referência direta como, *Queens do Brasil respondem drags do RuPaul* e *Queens do RuPaul conhecem drags do Brasil*, ou, de modo indireto, por meio de ex-participantes do programa como, *Adore Delano reagindo a drags brasileiras!*

Dos vídeos pontuados no parágrafo anterior, chamam atenção os do canal Põe na Roda - *Queens do RuPaul conhecem drags do Brasil e Queens do Brasil respondem drags do RuPaul*, onde o segundo aparece como uma reivindicação de resposta ao primeiro. No segundo vídeo citado, quatro drags brasileiras (Alma Negrot; Duda dello Russo; Gloria Groove e Penelopy Jean) questionam os apresentadores do canal Põe na Roda por terem convidado drag queens americanas do *reality RuPaul's drag race* para julgar performances de drags brasileiras. Com isso, mesmo que as *queens* brasileiras

⁴ Conjuntos de vídeos criados pelos usuários, podendo elas serem públicas, ou não.

⁵ Os dez primeiros resultados dessa busca aparecem nessa ordem – *Queens do RuPaul conhecem drags do Brasil – Põe na Roda*; *Queens do Brasil respondem drags do RuPaul – Põe na Roda*; *Top 10: drags cantoras com Lorelay Fox*; *A verdade sobre as drags brasileiras – Blogueirinha de merda*; *Adore Delano reagindo a drags brasileiras!*; *17 músicas de drags brasileiras que podem ser seu novo vício*; *5 melhores músicas drags brasileiras*; *Seis cantoras drag queens brasileiras*; *Drags brasileiras que você precisa conhecer*; *Melhores drags do Brasil: Pablo Vittar + Silvety Montilla – Os gabriéis*. Acesso em 16 abr. 2019.

considerem a relevância do programa para a intensificação das práticas drag no Brasil, elas não deixam de levantar críticas pontuais a partir de suas vivências. Nesse sentido, elas ressaltam os modelos rígidos do que seria uma boa montagem⁶, os quais são impostos pelas drags que participaram do *reality*.

Com base nos comentários realizados pelas drags brasileiros no vídeo *Queens do Brasil respondem drags do RuPaul*, são evidenciadas algumas diferenças materiais em relação às experiências dos dois grupos. Nesse sentido, chamo atenção para as considerações sobre a maior visibilidade das drags que participaram do *reality*, para as desigualdades econômicas, para a remuneração do trabalho e para o acesso a determinados produtos. Em vista disso, emergem as seguintes questões - Como operam os processos de materialização dos códigos que estabelecem os modelos recorrentes de montagem e como eles se diferenciam? Como essas práticas se relacionam com as dinâmicas do sistema capitalista neoliberal?

A partir da participação de Alma Negrot no vídeo pontuado anteriormente, sou levada ao canal *Drag-se* que se destaca por ser mantido por um coletivo de drags do Rio de Janeiro. Até o momento, o canal conta com cerca de 63600⁷ inscritos e está com produção ativa, tendo cerca de 470 vídeos publicados, os quais estão organizados em diferentes *playlists*. O *Drag docs* é formado por treze minidocumentários, cada um tem cerca de cinco minutos e acompanha as vivências de uma drag do Rio de Janeiro. O *Lado D* apresenta tutoriais de maquiagem e outras práticas vinculadas às montagens drag. Já o *Crisálida* é um conjunto de vídeos experimentais protagonizados por Alma Negrot. A *playlist Out of drag* dá espaço para que outras drags se apresentem e falem sobre seus trabalhos. O *Conexão* trata de temas diversos, suas/seus apresentadoras/res não são somente drags e, também, não são grupos de pessoas fixos. Além desses conjuntos de vídeos, existem alguns vlogs e outros programas apresentados por distintas drags, cada um com uma proposta diferente - *Pandora Yume entra na sala*, *Tudo na vida de Ravena*, *Lado Danjah*, *Sadick fashion hit* e *Drag photo studio*. Portanto, observo que há uma variedade de temas, programas e pessoas envolvidas nesse canal, o qual se transforma ao longo do tempo.

⁶ Nas práticas drag, compreende-se que os processos de montagem, ou montaria, referem-se à materialização das personagens através de uma articulação entre elementos heterogêneos.

⁷ Último acesso em 04 abr. 2019.

Ao passar pela *playlist* Dragdocs do canal Drag-se, noto que os documentários apresentam uma mesma linguagem narrativa e estética, sendo que funcionam tanto integrados no conjunto, quanto separados. Além disso, percebo que há uma recorrência de alguns enunciados como é o caso dos termos rompimento e ruptura. Em relação a isso, Pandora Yume, Alma Negrot, Danjah Patra, Sirena Signus, entre outras, consideram que entre as funções das performances drag está a produção de visibilidade sobre diferentes questões, como, por exemplo, a heteronormatividade e os padrões de beleza. Ademais, observo que distintas violências atravessam essas vivências, as quais aparecem relacionadas ao contexto familiar, à sexualidade, ao racismo, ao gênero e, até mesmo, ao preconceito por “fazer drag”. Por fim, vale pontuar que esses documentários tornam visíveis múltiplas práticas e compreensões relacionadas ao *fazer drag*, o que permite o rompimento em relação ao estabelecimento de um único modelo que seria verdadeiro e ideal.

Entre esses documentários fui tocada por Aretha Sadick⁸ (vídeo *Aretha Sadick*), a qual em sua experiência como drag negra busca descobrir a potência de voz que essa persona pode lhe dar. Nesse sentido, ela considera que embora se montar seja um desafio, essas práticas permitem que ela se sinta mais “empoderada”, portanto, parece que essas práticas podem funcionar como um aumento da capacidade de agir e de enfrentar as violências as quais essa drag é exposta. Em relação a isso, Sadick comenta que em sua experiência precisa lidar com o racismo, sendo marcada como diferente através de xingamentos, assim, compreendo que nesse caso existem especificidades que precisam ser levadas em consideração. Além disso, como comentado anteriormente, para Aretha o movimento drag também permite falar sobre a “não-normatividade”, ainda que ela ressalte que isso é somente “a ponta do iceberg”, ou seja, não é possível reduzir as existências a um único aspecto.

Além do vídeo pontuado no parágrafo anterior, percebo que Ravena Creole (vídeo *Ravena Creole*) também usa suas performances como possibilidade de falar sobre as questões raciais que lhe atravessam. Ao reivindicar para si o título de “drag do povo” noto que Ravena não tem medo de se misturar, esse ponto está presente até mesmo no nome que escolhe para si - “Ravena Creole” – aqui, a fronteira é incorporada como seu espaço de ação, seu lugar de fala. Ademais, ao comentar sobre precisar dar o “jeitinho brasileiro”

⁸ Como os documentários não falam os nomes das pessoas que fazem as drag optei por manter o nome drag de cada uma ao falar de suas experiências.

para conseguir se montar quando não tem dinheiro, a drag ilumina algumas dinâmicas do capital que também atravessam esse contexto. Nesse sentido, em princípio, noto que a atividade de “se montar” também está relacionada com consumir produtos, o que pode estabelecer determinados limites e hierarquias entre as drags. Por outro lado, quando Ravena comenta sobre o “jeitinho brasileiro”, penso que criar possibilidades onde existem dificuldades e restrições também pode funcionar como uma espécie de rompimento, a qual opera através da ruptura das lógicas estabelecidas.

Posteriormente, ao acompanhar alguns vídeos da *playlist* Tudo na vida de Ravena, como, *Carnavlog | tá o caos aqui! | vlog do povo com Ravena Creole*, observo que a câmera na mão (aparentemente um celular) que é levada de um cômodo para o outro e de uma festa para a outra, implica uma diferença em relação aos vlogs realizados em um espaço fixo, com jogos de iluminação e câmera profissional. Essa prática de Ravena permite que ela leve a câmera ao povo e, com isso, traga o povo como elemento de seus vídeos. Nesse sentido, quando está na rua e nas festas, essa drag registra suas conversas com diferentes pessoas, ampliando as relações em uma rede que segue em vários caminhos possíveis. Além disso, ao colocar nas montagens de seus vídeos momentos como, chegar alcoolizada de uma festa e o acordar ainda na cama, Ravena inclui situações que em outros canais não aparecem. Em relação a isso, talvez haja rompimentos em relação aos códigos de comportamento sobre o que deve e o que não deve ser publicado em um vídeo na *web*.

Voltando aos dragdocs do canal *Drag-se*, outro vídeo que se destaca é o episódio de Sirena Signus (vídeo *Sirena Signus*) que se afirma como uma mulher drag, com isso ela chama atenção para a invisibilização e, até mesmo, deslegitimação dessas práticas em relação aos homens que fazem drag. Nesse sentido, um dos pontos trazidos por Sirena é o termo “falk queen” que denota o sentido de falso, rainha falsa, drag falsa, usado para se referir às mulheres que fazem drag. Desse modo, ela defende a relevância de ocupar esse espaço afirmando-se como mulher, assim, questiona a noção de falk queen que também parece marcar uma diferenciação rígida entre homens e mulheres no meio drag. Além disso, ao falar sobre homens gays que não gostam de drags por conta do contato com elementos marcados como pertencentes ao feminino, Sirena também demonstra um aspecto do machismo que opera no meio LGBTQ+. A partir dessas questões, observo que mesmo entre as drags podem existir estratificações relacionadas à diferenciação do gênero em polos binários. Por fim, vale pontuar que no rastreo do campo encontrei somente

Sirena como mulher que faz *drag queen*, além dela notei mais duas mulheres envolvidas com as práticas *drag king* – Nuno Dean e Wendell Cândido⁹. Ademais, outro *drag king* encontrado no rastreio é Charlie Wayne, realizado por uma pessoa não-binária¹⁰.

Além dos materiais pontuados até aqui, um dos que me afetaram intensamente, produzindo transformações na minha autopercepção do corpo e dos processos de subjetivação, foi o episódio *Alma Negrot*, que também integra o conjunto dragdocs. Nesse vídeo, parece que existem rompimentos em diversos níveis como, por exemplo, em termos de compreensão da prática drag, nos elementos usados para a montagem, no modo de compor as personas, entre outros. Aqui, a prática drag é tida como um espaço de transitoriedade, não se trata de uma única persona com personalidade fixa, é um espaço de experimentação de si, sendo que, do encontro com os elementos de montagem, emergem distintas experiências, a artista se refere a essa prática como “*dragqueer*” ou “performances estranhas”. Desse modo, em princípio, parece que as codificações de gênero segundo as performatividades instituídas em matriz heterossexual são dissolvidas, dando lugar a outras possibilidades.

Em relação a isso, ao dar uma entrevista para Regina Volpato (*O corpo como tela, com Alma Negrot / Prazer, eu sou!*) a artista Raphael Jacques se refere à montagem como uma prática de dar passagem para devires, um processo complexo onde são articulados diferentes elementos para materializar determinados estados subjetivos. Além disso, ela menciona que no seu caso as performances necessariamente estão relacionadas com suas vivências cotidianas, ou seja, partem de experiências localizadas – “não-binária, não-branca, sem grana, latino-americana”. Nesse viés, as identidades aparecem para demarcar determinados espaços e posicionamentos, mas não são tidas como lugares fixos, elas aparecem como passagem e são vinculadas a processos de transformação que geram diferentes articulações. Ao me deparar com essas questões compreendo que elas podem ir além das performances drag, pois, também, se relacionam com um modo de estar no mundo.

Seguindo o percurso na plataforma Youtube, sou encaminhada à *playlist* Crisálida, composta por nove audiovisuais. Na descrição desse conjunto de vídeos sou provocada pelas seguintes perguntas “Quanta vida cabe na gente? Quantas mortes nos perpassam?”

⁹ Eles fazem participações especiais em alguns vídeos do drag-se como, *Lado Danjah #5 | com Wendell Cândido | Tutorial Drag King de barba falsa | Troy Bottom; Tutorial drag king | maquiagem de barba por fazer | Wendell Cândido; Drag king, mulher e lésbica | Nuno Dean*.

¹⁰ Pessoas que se afirmam como não-binárias não se reconhecem como homens, nem como mulheres.

O corpo artesanal é um novo corpo de verdade? Por que eu preciso distorcer a realidade pra sobreviver?”¹¹. Já na descrição encontrada no *teaser* que apresenta essa playlist, chama atenção que nesse caso os audiovisuais são indicados como “vídeo performances”. Em vista disso, observo que a linguagem audiovisual é trabalhada de maneira mais complexa do que em outros vídeos acompanhados no rastreio. Aqui, a montagem é composta por variações de enquadramentos e movimentos de câmera, os espaços evidenciam uma produção de arte, elementos esses que indicam uma produção elaborada. Além disso, aquilo que se diz verbalmente no áudio é entrelaçado com a disposição dos planos na montagem, diferente dos materiais onde o corte se dá com base na fala. Pelos títulos e créditos nos audiovisuais percebo que eles são realizados em parceria com produtoras como Oasis, Anarca filmes e Moviola Mídia Livre, o que também indica uma relação com os modos de produção de filmes.

Ao navegar por entre os audiovisuais que compõem a Crisálida, percebo que em cada um são materializadas distintas forças, as quais geram diferentes personas, uma Alma para cada uma, o que produz afetações singulares. Um dos trabalhos que me toca nesse conjunto é o *Alma / um filme de Oasis / Crisálida especial com Alma Negrot*, o qual parece funcionar como uma espécie de manifesto, há um desejo de “trair a humanidade” através do exercício de “artesã de blasfêmias”, dar vazão para distintas intensidades. Outro vídeo é o *Harakiri / Crisálida #1 / por Alma Negrot / com Seashell / Moviola Mídia Livre*, onde Alma Negrot parece incorporar um espaço entre vida e morte através de um corpo todo coberto por tinta branca e com os pulmões vermelhos expostos sobre o peito. Nesse vídeo, há variações nas velocidades do movimento, tanto do corpo no espaço, quanto da montagem que dá a ver essa interação. Além desses audiovisuais, também chama atenção o *Shadow Dancer / por Alma Negrot e Ønírica / Anarca Filmes* que traz à tona práticas contrassexuais através de uma experiência vinculada ao sadomasoquismo. Esse último vídeo é o registro de uma performance ao vivo com *lip sync*, a qual foi realizada em uma casa noturna do Rio de Janeiro. Entretanto, a montagem do vídeo e os efeitos digitais sobre as imagens constroem outra experiência sobre o acontecimento e o material registrado. Portanto, como já foi pontuado anteriormente, compreendo que nesses casos o rompimento se dá em diferentes níveis, cabendo ao estudo identificá-los.

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLqW7NtqdKkF9qh8AxatzXiIEwo6FGFoW5>. Acesso em 19 abr. de 2019.

Nesse processo de rastreamento percebo que as questões de sexo, gênero e sexualidade são recorrentes, indo além dos dragdocs citados anteriormente. No vídeo *Revolução das bixas! Passivas unidas com Pandora*, há um debate que considera o par binário passivo/ativo nos relacionamentos homossexuais como vinculado às socializações heteronormativas. Nesse sentido, essa drag sugere que as bixas passivas “desinvestam” desses vínculos que exigem a presença de um macho dominador fixado no polo ativo. Com isso, Yume propõe que as bixas passivas se relacionem entre si, dando espaço para outras práticas e experimentações. “Passivas do mundo uni-vos”. Em meio a esse debate a drag faz indicação à Linn da Quebrada que em suas músicas dá vazão para essas experimentações e invenções de si, produzindo deslocamentos do desejo. Essa possibilidade de desinvestir de determinadas relações também implica certa “desidentificação” em relação às identidades, as quais demarcam determinadas cartografias do desejo que limitam a experiência vivida (ROLNIK, 2018, LOBXS, 2014).

Para falar de outro canal em que a experiência drag aparece articulada com questões de sexo, gênero e sexualidade, trago o *Para Tudo* de Lorelay Fox (que também é uma das apresentadoras do programa *Super Bonita* transmitido na televisão fechada pelo canal GNT). Nesse caso, entre os vídeos que levantam os debates pontuados estão: *O que é gênero e orientação sexual?*; *A sigla LGBTQIA*; *Bissexuais existem*; *Lésbicas na sociedade*; *É drag ou é trans?*; *Sobre estereótipos gays*; *Gays são engraçados?*; *Preconceito no meio gay*; *Gays afeminados*; *Minha infância gay*; *Héteros vs. gays*; *Gays no sigilo*; *Fala igual homem*; *Padrão nosso de cada dia*; *Escolhas do Tinder*; *HIV e AIDS: Preconceito e Desrespeito aos LGBTs*; *Mulher pode ser drag?*; *Sam Smith não binário*; e, *Gênero nas escolas*. Noto que um movimento específico que atravessa esses vídeos é a crítica à imposição de padrões e códigos de comportamento heteronormativos e às violências localizadas decorrentes dessas práticas.

Em relação a isso, destaco três vídeos em que Lorelay fala sobre a questão do medo (*Você está com medo?*; *Nosso medo de ser agredido*; *Tenho medo de andar de Drag*), os quais são publicados durante e após o período das eleições de 2018 no Brasil. Em *Você está com medo?* Lorelay busca motivar as/os LGBTQ+ em vista do contexto político vigente, assim, ela ressalta a ascensão do discurso de ódio no Brasil e como faz para lidar com essa situação em termos afetivos. A drag lembra que embora nesse momento as agressões e violências tenham se colocado de maneira mais intensa, essas situações são elementos recorrentes nas vivências de grupos de minorias, o que evidencia nossa

capacidade de (R)existir. Nesse sentido, Lorelay entende que é necessário estabelecer encontros onde haja a possibilidade de compartilhar experiências e agir em conjunto para produzir saídas em relação à paralização relacionada ao medo.

Já em *nosso medo de ser agredido*, Lorelay se desmonta¹² ao mesmo tempo que comenta sobre alguns medos que retornam no decorrer de sua vida, como, por exemplo, o medo de ser descoberta como gay na infância, o medo de demonstrar afeto em público, o medo de apresentar alguém para a família, o medo de entrar em banheiros de festas, entre outras situações que ressoam em minhas vivências. Por fim, em *Tenho medo de andar de drag*, Lorelay fala sobre a dificuldade de sair em público montada, e, até mesmo, desmontada, como se estivesse sendo vigiada e observada o tempo todo. Acredito que esse espaço de fala que a drag ocupa dá a ver determinadas relações micropolíticas, as quais também interessam a essa pesquisa.

Além do canal *Para Tudo*, o *Tempero drag* de Rita Von Hunty também se articula em relação às questões de gênero e padrões sociais, como é o caso dos vídeos *Padrão de beleza; A mulher na cultura; Gênero e natureza; LGBTQIA+*. Entretanto, um dos diferenciais desse canal é que Rita traz para seus vídeos outros temas sociais como *Remuneração do professor; Ao Farol do Marxismo; Consciência de Classe; Universidade para quem?*; e, *Ele não – última chamada*. Portanto, há uma abertura para outras reflexões que atravessam questões do contexto macropolítico de maneira mais explícita. Nesse caso, vale pontuar que Guilherme Terror (criador da Rita) também trabalha como professor, assim, traz seus conhecimentos e práticas de ensino para a construção de sua personagem e para os vídeos.

Em vista do que foi levantado até aqui, dou-me conta de que os canais de drags no Youtube articulam diferentes temáticas, dentre as quais algumas se destacam mais do que outras, dando a ver determinadas relações que atravessam os contextos em que estão inseridas. Além dos vlogs, “vídeo performances”, documentários e entrevistas, também se destacam os tutoriais de maquiagem, onde as codificações de gênero tornam-se explícitas ao se materializarem em diferentes combinações de elementos. Desse modo, compreendo que para além de observar a dimensão significativa dos enunciados é relevante considerar as práticas de montagem, em específico os processos de maquiagem

¹² Nos vídeos em que Lorelay se desmonta, ou seja, retira os produtos de maquiagem, a peruca e outros acessórios que dão forma à drag, ela faz um movimento de falar de coisas que para ela são difíceis, como situações pessoais. Além disso, é notável que essa prática de desmontação não é recorrente em vídeos do Youtube.

que evidenciam determinadas regras e convenções. Portanto, é necessário levar em consideração na composição da amostra essas diferentes formas audiovisuais, considerando suas especificidades

Como já pontuado anteriormente, o canal *Drag-se* tem um conjunto de trinta e seis vídeos chamado *Lado D*, voltado somente para tutoriais sobre as práticas de montagem drag, dentre os quais encontram-se vídeos que ensinam processos de maquiagem. Entre esses materiais chama atenção o vídeo *Tutorial pintura e caracterização | com Alma Negrot* / onde o próprio tutorial, como espaço de ensinar passo a passo alguma coisa, é deslocado. Aqui, além de um conjunto de regras que seguidas em ordem cronológica visam produzir um efeito predeterminado, busca-se mostrar um processo de experimentação. Nesse sentido, Alma Negrot fala da maquiagem como um processo de imersão, onde busca-se dar passagem para forças afetivas que se materializam através de uma composição visual ou, em outros termos, que são incorporam através do agenciamento de distintos elementos. Com isso, parece que há um rompimento em relação às maquiagens que buscam incorporar traços daquilo que se percebe como masculino ou feminino. Nesse sentido, pode ser que hajam rupturas em relação aos próprios códigos de maquiagem e seus processos, assim como em relação ao formato dos tutoriais.

Já em outros tutoriais de maquiagem, como os vídeos *Brazilian Pop Star Pablló Vittar's Spectacular 15-Minute Drag Transformation | Beauty Secrets* publicado pelo canal Vogue e o *Pablló Vittar me transformou em drag queen!* publicado por Felipe Neto, são perceptíveis alguns códigos de maquiagem voltados para a produção de traços de feminilidade. Em relação a isso, observo que entre esses códigos, os traços curvados dos contornos do rosto geram composições ovais, as quais no vídeo são relacionadas à feminilidade. Além disso, nesses processos são recorrentes os enunciados que pontuam a intenção de “ficar como uma garota” e dar um aspecto mais natural para a maquiagem. Entretanto, embora existam códigos mais recorrentes do que outros, é importante notar que cada maquiagem é uma maquiagem e produz diferenças específicas, as quais dão materialidade à diferentes expressões.

No vídeo *Make masculina reboco*, publicado por Lorelay Fox, são evidenciadas codificações que permitem a produção de percepções do que se compreende como masculino, nesse caso, as angulações parecem operar em linhas retas e os contornos são menos demarcados. Além disso, a drag pontua a diferença entre o formato quadrado como

sendo relacionado ao que é percebido como masculino e o formato arredondado como feminino. Uma das questões que me atravessam nesse caso é que esse tutorial também poderia funcionar como uma prática drag king, ainda que não seja apresentado como tal.

Além dos tutoriais comentados, vale pontuar o canal Blogueirinha de Merda -“Tuto pom?”- que se difere dos demais por propor uma paródia da própria atividade de fazer blog, em específico em relação aos tutoriais de maquiagem. Nesse sentido, alguns termos e práticas recorrentes como “selar”, “dar umas leves batidinhas no meu rostinho”, “não sei se vai estar focando” são exagerados e, até mesmo, deslocados em relação aos usos recorrentes, como quando ela sugere que a maquiagem seja selada com pó de Cheetos no vídeo *Tutorial de make para fazer o Enem*. Assim, a partir dessas hipérboles do processo de maquiarse noto que são evidenciadas algumas performatividades específicas dessas situações.

Além disso, quando a Blogueirinha participa de vídeos em outros canais como em *Júlia recebe dicas que não tem no Brasil da Blogueirinha* do canal Fale Conosco e *Tutorial de Maquiagem | Blogueirinha de Merda + Pablllo Vittar | Bem Menininha* do canal Música Multishow, percebo que há um deslocamento da própria entrevistadora e da outra participante do vídeo através de respostas e posturas imprevistas. Portanto, é possível que através do excesso a Blogueirinha produza rompimentos não só nas performatividades de gênero, mas, também, nos padrões de comportamento estabelecidos. Outro elemento notado é que em alguns momentos há uma dissonância entre o dizer e o fazer, assim, na fala alguns códigos são reafirmados, mas, na prática eles são deslocados, o que produz algum rompimento em relação ao que se espera. Como, por exemplo, quando a Blogueirinha fala que está usando uma marca famosa mas ao mostrar o produto na câmera é uma outra qualquer ou, quando sugere fazer um contorno de tal modo, mas na prática produz algum desvio, questões que podem ser observadas nos vídeos *Tutorial de make para transar* e *Tutorial de make da Pablllo Vittar pra Vogue*.

Por fim, é relevante retomar a questão de como as lógicas neoliberais atravessam essas práticas. Ainda que esse ponto apareça poucas vezes nos enunciados é notável a relevância dos produtos para o processo de montagem. De modo geral, esses elementos são evidenciados nos tutoriais de maquiagem, entretanto, é possível encontrar alguns vídeos em que os produtos se tornam um dos personagens principais, como, no caso dos vídeos *Onde eu compro meus sapatos!; Todas minhas perucas humanas; Meus sapatos diferentes; Resenha blood sugar Jeffree Star cosmetics; Comprei peito?* do canal Halessia

Pretty e Maquiagem: produtos básicos; Cílios postiços, dicas, formatos e aplicação!; Minhas maquiagens essenciais, do canal Para Tudo. Além desses vídeos mais específicos, é comum que as empresas presenteiem as vloggers com seus produtos em troca de publicidade, como, por exemplo, no vídeo *Testando o Foreo Ufo* do canal Para Tudo. Portanto, pode ser importante situar essas dinâmicas no estudo em questão.

Por outro lado, também percebo que existem alguns rompimentos em relação às dinâmicas neoliberais, como no vídeo de Ravena Creole comentado anteriormente, onde fala-se do “jeitinho brasileiro” para se montar mesmo quando ela não tem condições de comprar algum produto. Além disso, os tutoriais *Como fazer cílios de papel?; Maquiagem com papel, é possível?;e, DIY de headpiece com materiais reciclados, drag sem gastar muito!*, protagonizados por Alma Negrot, mostram a criação de possibilidades outras de montagem que não são condicionadas pelo eterno consumo.

Com base nos audiovisuais pontuados no decorrer desse trabalho, observo que a apropriação do Youtube por drags brasileiras implica um novo espaço para o desdobramento dessas performances, indo além do teatro, da televisão e do cinema. Nesse sentido, chama atenção que as possibilidades de produzir audiovisual e distribuir esse material por meio da plataforma em questão, permite que distintas drags expressem sua arte, o que pode gerar uma proliferação dos sentidos relacionados a essas práticas. Nesse viés, esses vídeos também podem ser compreendidos como atravessados pelas relações vigentes em determinado contexto, sendo parte de articulações que materializam determinadas relações de forças de modo localizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, a partir da pesquisa exploratória do campo empírico percebo que alguns temas são mais recorrentes do que outros, como as questões de sexo, gênero, sexualidade e a posição crítica em relação à heteronormatividade. Em específico, observo que as performances são atravessadas pelas linhas de força localizadas que compõem a vivência de cada drag. Além disso, noto que na prática são recorrentes as montagens materializadas a partir de codificações de gênero consonantes ao binário masculino/feminino. Entretanto, também existem alguns casos pontuais que produzem rompimentos em relação às codificações instituídas, dando vazão a outros modos de construir uma persona drag. Por fim, chamo atenção para alguns atravessamentos das

dinâmicas neoliberais nesses contextos e dos rompimentos possíveis em relação a essas lógicas.

Em termos de linguagem audiovisual observo que existem vídeos em diferentes formatos, sendo alguns deles os vlogs, os documentários, os tutoriais e as vídeo performances. De modo geral, os vídeos parecem dar centralidade ao que é dito verbalmente, sendo exceção àqueles que trabalham de modo complexo o entrelaçamento entre a montagem dos planos e as falas. Entretanto, ainda que hajam recorrências de alguns formatos em relação a outros é notável a multiplicidade do campo e a dinâmica de constante reformulação do espaço a partir de suas tensões, o que, embora produtivo, também aparece como um desafio para as pesquisas que se propõem a acompanhar esse objeto. Nesse sentido, uma das dificuldades encontradas no percurso é a escolha dos critérios de seleção das amostras, através do que será possível produzir análises sobre questões mais específicas. Entre as pistas para desenvolver esses critérios estão as proposições de Raquel Recuero, Suely Fragoso e Adriana Amaral (2011), dentre as quais pontua-se a possibilidade de compor uma amostra intencional de máxima heterogeneidade. Esses pontos serão desdobrados junto à pesquisa metodológica.

Em conclusão, acredito que a realização da pesquisa exploratória é relevante nessa pesquisa por evidenciar a heterogeneidade que atravessa o campo, dando a ver diferentes angulações. Além disso, a partir desse processo será possível retomar o problema de pesquisa visando complexificá-lo e, se for necessário, produzir reformulações. Com isso, as tensões entre a teoria e o empírico ganham espaço na pesquisa, permitindo abordagens que emergem a partir do contato com o campo. Além disso, as afetações produzidas no encontro com os vídeos também me deslocaram enquanto pesquisadora, gerando fissuras na compreensão do próprio corpo e de suas relações com o pesquisar. Portanto, reafirmo a relevância que esse percurso exploratório apresenta para a pesquisa que está em andamento.

REFERÊNCIAS

BONIN, J. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, n.37, p.121-127, 2008. Disponível em: < <https://bit.ly/2vyruD2> >. Acesso em 01 mai. 2019.

BRAGANÇA, L. **Desaquendendo a história drag**: no mundo, no Brasil e no Espírito Santo. Vitória: Produção independente, 2018.

BURGESS, J.; GREEN, J. YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GUARALDI, B. Canais de drag queens no YouTube vão além de tutoriais de maquiagem. **Folha de São Paulo UOL**. São Paulo, 28 set. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2EgQ7Ii>>. Acesso em: 25/02/2019.

LOBXS, M. **Foucault para encapuchadas**. Argentina: Milena Caserola, 2014.

PRECIADO, P.B. **Testo junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

ROSÁRIO, N. M. Corpos eletrônicos em discursos de audiovisualidades. In: SILVA, Alexandre Rocha da; ROSSINI, Miriam de Souza (orgs.). **Do audiovisual às audiovisualidades**: convergência e dispersão nas mídias. Porto Alegre: Asterisco, 2009.

SANTAELLA, L. **Corpo e comunicação**: sintoma da cultura. São Paulo: Paulus, 2004.